

A Representação Social do Trabalho do Psicólogo

The social representation of the Psychologist's work

Resumo: O presente trabalho apresenta um sumário dos principais resultados de uma pesquisa que teve como objetivo conhecer as representações sociais da Psicologia e do trabalho do psicólogo. Os sujeitos foram 375 estudantes do penúltimo ano de graduação dos cursos da área da saúde e que responderam a um questionário com cinco questões abertas e oito fechadas. Neste trabalho, analisaremos as respostas dadas a nove questões. Constatou-se que as representações acerca da Psicologia e do trabalho do psicólogo apontam para uma visão altamente subjetivista e individualista, em que as condições sociais, históricas e culturais presentes nas experiências subjetivas são excluídas. O estudo indica a urgência de uma reflexão sobre a responsabilidade social e ética do psicólogo.

Palavras-Chave: Psicologia, trabalho do psicólogo, representação social, responsabilidade social, ética.

Abstract: This work presents a summary of the main results of a research that aims to know the social representations of Psychology and the psychologist's work. The subjects were about 375 students of the graduation courses in the health ground of the University Gama Filho. They answered a questionnaire with five opened questions and eight closed ones. In this work we'll analyse nine answers. We prove that representations about Psychology and the psychologist's work indicate a top personal and subjective vision where the social, historical and cultural conditions in the subjective practices are eliminated. The work indicates the psychologist's need of an essential reflection about his social responsibility and ethics.

Key Words: Psychology, the psychologist's practice, social representation, social responsibility, ethics.

Kátia Botelho Diamico Praça

*Psicóloga. Mestre em
Psicologia Social.
Especialista em
Psiquiatria Social.
Professora do Curso de
Graduação em
Psicologia da
Universidade Gama Filho.*

Heliane Guimarães Vieites Novaes

*Psicóloga. Mestre em
Psicologia Social.
Especialista em
Educação. Professora
dos cursos de
Psicologia e Pedagogia
da Universidade Gama
Filho.*



O presente trabalho apresenta um sumário dos principais resultados de uma pesquisa realizada em 1999, como disciplina do Curso de Graduação de Psicologia da Universidade Gama Filho, sobre a representação social da práxis do psicólogo. Os sujeitos da pesquisa foram 375 universitários do penúltimo ano de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade da cidade do Rio de Janeiro.

Pensamos ser este veículo importante sob um duplo aspecto: por um lado, pela crescente e generalizada intervenção que leva em conta a importância da interdisciplinaridade, e, por outro, a consideração de algumas dificuldades no exercício profissional do psicólogo. Conforme mostram Bastos e Gomide, "as dificuldades no exercício profissional que têm intensidade de ocorrência mais elevada são as provocadas pela

política socioeconômica do País e as relacionadas ao desconhecimento, por outros profissionais, da contribuição que o psicólogo pode oferecer" (1989, p.14).

Também Carvalho (1988) alerta que, por parte dos próprios profissionais da área, impera (ou pelo menos, na época, imperava) uma avaliação pessimista do exercício profissional, com baixa credibilidade da profissão junto à população e aos profissionais de outras áreas.

Por outro lado, vários estudos vêm interrogando o profissional que estamos formando, propondo reflexões cruciais acerca da Psicologia e do psicólogo, apontando principalmente para questões políticas e sociais pertinentes às análises e ações desse profissional, muitas vezes ausentes (Bastos, A. V. B., 1988; Bettoi, W. e Simão, L. M., 2000; Bock, A. M. B., 1997; Branco, M. T. C., 1999; Contini, M. L. J., 2000; Moura E. P. G., 1999).

Historicamente, sabe-se que a profissão de psicólogo surge ligada às demandas de um regime disciplinar de adequar, ajustar, adaptar. O psicólogo "aplicava testes" para selecionar "o funcionário certo para o lugar certo", para classificar o escolar numa turma que lhe fosse adequada, para treinar o operário, para programar a aprendizagem etc. Pensamos, como Figueiredo (1997), que essas funções ainda são importantes na definição da identidade profissional do psicólogo, evidenciando que a vinculação da Psicologia às demandas de um regime disciplinar estão presentes até hoje.

Recentemente, Bock (2000), através de uma pesquisa realizada entre os anos 1992 e 1997, com psicólogos registrados no Conselho Regional de São Paulo, mostrou que a maioria das respostas dadas pelos profissionais referentes à visão de homem, de mundo, de fenômeno psicológico e da própria prática profissional revelam, de forma predominante, uma concepção liberal de homem, onde se naturaliza o fenômeno psicológico, ou seja, o homem é pensado como possuidor de uma essência originária, que faria parte de uma "natureza". A autora também enfatiza a concepção do termo "social", que, praticamente, refere-se apenas à existência de outros homens. Conseqüentemente, não surpreende que, em relação à perspectiva sobre a prática profissional, questões sociopolíticas sejam ignoradas ou inexistentes para a grande maioria dos profissionais que participaram deste estudo.

Concordamos com Moura (1999) que, ao problematizar questões fundamentais a respeito da Psicologia e dos psicólogos que temos produzido, deixa patente a consagração de uma

intervenção profissional voltada para a conformidade e o ajustamento do homem ao meio, o que denota a grande ausência da dimensão social na concepção da Psicologia sobre seu objeto de estudo. Ignoram-se, também, os processos de produção de subjetividade contemporâneos.

Também enfocando a questão da formação do psicólogo e sua identidade profissional, Contini nos diz que "A formação, hoje, via de regra, está calcada em um modelo conservador de promoção de saúde... sustentado por teorias que têm o seu foco voltado para a descrição dos comportamentos patológicos... Essa situação tem contribuído para uma consolidação da identidade do psicólogo marcada exclusivamente pelo seu caráter terapêutico, dificultando a construção de um outro profissional que possa atender diferentes situações, como as institucionais e comunitárias (p.53).

A partir dessas reflexões, temos como objetivo principal deste trabalho analisar até que ponto as representações sociais aqui encontradas refletem uma visão que inclui a dimensão político-social no saber-fazer do psicólogo, ou seja: o psicólogo é visto como um profissional crítico acerca das questões políticas e sociais presentes no contexto onde se dá sua intervenção, voltado para a produção de novas formas de relações na vida, ou é visto como um profissional comprometido com a adaptação social, com a legitimação de formas instituídas, hegemônicas de ser em nossa sociedade?

Entendemos o conceito de representação social através da concepção de Serge Moscovici, pois esta possibilita a compreensão de um objeto social a partir de representações que refletem a cultura e a sociedade na qual o sujeito está inserido, o que vai de encontro ao nosso propósito aqui. As representações sociais, para Moscovici, são "...o conjunto de conceitos, explicações e afirmações que se originam na vida diária, no curso de comunicações interindividuais" (1981, p.47). São entidades quase tangíveis, que se articulam e se cristalizam por meio de gestos, falas, encontros, de forma ininterrupta, no universo cotidiano, impregnando a maioria de nossas relações sociais.

Ao inaugurar uma nova perspectiva de investigação em Psicologia Social, Moscovici demonstra a inevitável indissociação entre indivíduo, grupo e sociedade na apreensão do saber cotidiano. Pode-se dizer que, a partir de seu estudo sobre a representação social da Psicanálise (1961), surge uma abordagem teórico-metodológica inédita, que trata da compreensão dos processos de construção e transformação das representações sociais produzidas e reproduzidas dentro de grupos

Auxiliares de pesquisa:

Alunos do Curso de Graduação em Psicologia da UGF:

*Angélica Martins
Perdigão Gomes
Angélica Cecília de Carvalho
Bruna dos Santos Ferraz
Caroline Carvalho Deniolo
Joselinda Silva Santana
Luciana Chagas
Pessoa de Mello
Luciana Ozório Lapa
Milena Azevedo Gomes de Magalhães
Roberto Carvalho Alves Filho
Rosângela Simonetti
Sabrina Venturini Ramos
Tatiane Braga Bellieny
Vanessa Alves Moraes*

sociais. Assim, a recuperação dos sujeitos como aqueles que constroem tanto o mundo, como a si próprios, através de suas atividades e relações com a sociedade, torna-se fundamental para a base de sua teoria. Importa, então, perceber a relação essencial entre o universal e o particular.

A teoria das representações sociais reside na idéia de que os sujeitos buscam explicações, criam teorias próprias sobre uma série infindável de assuntos que prendem a atenção e a curiosidade, demandando compreensão e pronunciamentos quotidianos a respeito de temas sociais contemporâneos como a escola, a moral, a religião, a política, a cultura, a saúde, a doença, a violência, a tecnologia, as desigualdades sociais, econômicas etc. Tais explicações não são simples opiniões, mas possuem uma lógica própria, baseada nas mais diferentes informações e julgamentos valorativos adquiridos por diferentes fontes, além de fundamentarem-se também em experiências pessoais e grupais.

Para maior entendimento da teoria, é importante destacarmos a existência de duas classes distintas de universo de pensamento: os universos consensuais e os reificados. Nos universos reificados, encontramos as ciências e o pensamento erudito em geral. Nos consensuais, viajam os pensamentos e idéias que, freqüentemente, tiveram origem nos universos reificados, mas foram reapropriados pelos demais integrantes da sociedade de uma forma particular, através de uma lógica diversa daquela em que se produzem os conhecimentos científicos, colaborando, portanto, para a existência das representações sociais. Portanto, representar algo não é simplesmente repeti-lo, mas, sim, reconstituí-lo, modificando-lhe o texto.

Ao recuperar a inter-relação do individual com o social e ver os sujeitos como capazes de oporem-se ao que já está dado e inventado, resistindo aos modelos hegemônicos, abre-se espaço para as transformações e representações modificadas.

Importa, também, assinalar que as representações sociais, da forma aqui entendida, são criadas para possibilitar a comunicação entre sujeitos. São mediações sociais e permitem que saberes estranhos se tornem familiares. A construção imaginativa e simbólica do mundo ocorre na interseção entre conhecimentos prévios, tradicionais (já conhecidos, mas nunca completamente abandonados) e a necessidade de reformulá-los, dar-lhes nova roupagem, recriando-os e, dessa forma, introduzindo o novo. A construção das representações dá-se à medida que os sujeitos retornam suas memórias, suas tradições e experiências e mesclam esses antigos

elementos aos novos, dando prosseguimento à produção do mundo de idéias e imagens que vivemos. O resultado das representações reificadas (inicialmente estranhas), amalgamadas com os conhecimentos prévios, é altamente criativo e inovador no seio da vida quotidiana. As representações sociais de objetos sociais são, assim, produtos do comportamento criador do homem. Segundo Moscovici, "O objeto está inscrito num contexto ativo, dinâmico, pois que é parcialmente concebido pela pessoa ou a coletividade como prolongamento de seu comportamento, e só existe para eles enquanto função dos meios e dos métodos que permitem conhecê-lo" (1978, p.52).

Importa, ainda, assinalarmos dois processos fundamentais nessa elaboração das representações sociais, a saber: a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem diz respeito a um processo de trazer para categorias e imagens já conhecidas aquilo que ainda não está classificado e (ou) rotulado.

A objetivação reside no processo de transformar uma abstração em algo tangível, quase físico. Implica descobrir o aspecto icônico de uma idéia. Observa-se, então, que as representações sociais tratam de fornecer um enquadre que contextualiza os sistemas de categorização de uma sociedade. As classificações, dessa forma, não são constatações de fatos, mas encontram seu lugar em uma harmonia criada pelas representações. Quando o leigo diz que *psicólogo é maluco*, isso deve ser entendido a partir de uma rede de significações provenientes das representações sociais sobre o psicólogo.

Metodologia

Amostra: A amostra constou de 375 estudantes universitários do penúltimo ano de graduação de uma universidade da cidade do Rio de Janeiro, dos seguintes cursos: Psicologia, Nutrição, Enfermagem, Medicina, Fisioterapia, Biologia, Odontologia e Educação Física.

Instrumento: A partir da aplicação de um pré-teste, foi elaborado um questionário com cinco questões abertas e oito questões fechadas. No presente trabalho, analisaremos as respostas dadas a nove questões, a saber: 1- "Na sua opinião, o que é Psicologia?"(aberta), 2-"Na sua opinião, qual o principal objeto de estudo da Psicologia?"(fechada), 3- "Em que locais podemos encontrar psicólogos trabalhando?"(fechada), 4- "Na sua opinião, qual é o principal objetivo do psicólogo em seu trabalho?"(fechada), 5- "Do que o psicólogo se utiliza em sua prática?"(fechada), 6- "Que características você atribuiria ao profissional de Psicologia?"(fechada), 7- "Você

Ao recuperar a inter-relação do individual com o social e ver os sujeitos como capazes de oporem-se ao que já está dado e inventado, resistindo aos modelos hegemônicos, abre-se espaço para as transformações e representações modificadas.

acredita que um trabalho psicológico produza bons resultados?”(aberta), 8- “Você buscaria algum serviço psicológico se sentisse necessidade?”(aberta) e 9- “Escolha a frase que mais se aproxima de seu pensamento acerca da Psicologia e do psicólogo”(fechada).

Procedimento: Na investigação para identificação do conteúdo das representações sociais da profissão do psicólogo, foi realizada uma análise de conteúdo, em função da qual as opiniões e comentários foram submetidos à análise temática baseada em um sistema de categorias. Com o propósito de análise, foram computadas as frequências com que os vários conteúdos temáticos apareceram e, posteriormente, calculadas as porcentagens de suas incidências. Realizou-se, também, uma análise comparativa entre as respostas dos estudantes de Psicologia e as respostas dos estudantes dos outros cursos. Cabe ressaltar que o cálculo de incidência das categorias teve como base o número de sujeitos. Foram criadas nove categorias, respectivamente, de acordo com as nove questões em análise, já citadas.

A primeira categoria foi “caracterização da Psicologia”, tendo seis subcategorias: estudo do comportamento, estudo de fenômenos psicológicos, estudo da relação do homem com o social, estudo do ser humano, função assistencialista e promoção da saúde (tabela 1). A segunda categoria, denominada “objeto de estudo”, tem como subcategorias: mente, alma, comportamento, inconsciente, subconsciente, consciência e subjetividade (tabela 2). A terceira categoria foi chamada “local de trabalho”, abrangendo as subcategorias: condomínio, comunidades carentes, sindicatos, associações esportivas, clínica, escola, hospital, consultório, presídio, igreja, centro espírita e empresa (tabela 3). Na quarta categoria, “objetivo profissional”, temos como subcategorias: tratar doenças dos nervos, ajudar as pessoas, promover saúde, melhorar a qualidade de vida, curar, mudar comportamentos e integrar-se às normas sociais (tabela 4). A quinta categoria, denominada “instrumentos do psicólogo”, inclui as subcategorias: medicação, entrevistas, dinâmica de grupo, cristais, brinquedos, testes psicológicos, mapa astral, florais de bach, ouvir as pessoas e terapia de vidas passadas (tabela 5). A sexta categoria, “características do psicólogo” apresenta como subcategorias: cientista, observador, manipulador, honesto, maluco, charlatão, confiável, culto, equilibrado, problemático (tabela 6). A sétima categoria, “credibilidade no trabalho do psicólogo”, e a oitava categoria, “busca de serviços psicológicos”, têm, como subcategorias, sim, não e talvez. A nona categoria, “imagem da Psicologia e do psicólogo”, apresenta as

subcategorias: tenho amigos, psicólogo é maluco, de médico, psicólogo e louco, Psicologia é saúde, terapia é para rico, coisa de mulher, serviços supérfluos e não tem o que fazer.

Análise e Discussão dos Resultados

De acordo com a tabela 1, na categoria “caracterização da Psicologia”, a maioria das respostas revela uma imagem da Psicologia como estudo do comportamento e de fenômenos psicológicos. Essa representação revela-se em expressões como: “a Psicologia estuda o comportamento humano e a mente humana”, “...avalia os seres humanos nos seus aspectos psicológicos”.

Ao que parece, a dita avaliação baseia-se em critérios de adequação ou não do homem e refere-se à dimensão comportamental, explicada, aí, como efeito de fenômenos puramente individuais e naturalizantes dos fenômenos psicológicos. Em outras palavras, o comportamento humano e os fenômenos psicológicos aparecem como fazendo parte de algo intrínseco ao homem, como uma essência que o caracterizaria. Dessa forma, exclui-se a dimensão histórica e social presente no individual. Ignora-se, assim, que o humano não é algo dado aprioristicamente, mas, sim, uma construção que se dá no processo dialético presente nas relações estabelecidas com outros.

Outro dado que deve ser ressaltado refere-se à subcategoria *função assistencialista*, revelando a representação da Psicologia como aquela que pode dar ajuda incondicional ao outro. Podemos notar isso a partir de declarações como: “a Psicologia ajuda nos problemas”, “...resolve e compreende os problemas...”, “cuida das pessoas”, “ajuda no autoconhecimento”, “ajuda a lidar com a vida”, “ajuda em uma nova visão de mundo”.

As subcategorias referentes aos *fenômenos psicológicos* e ao *assistencialismo* remetem ao que mostra Magalhães e Keller (2001), em estudo realizado sobre a escolha vocacional em Psicologia, na perspectiva de quem está ingressando no Curso de Graduação em Psicologia. Na pesquisa desses autores, a maior parte das declarações expressam o desejo de ajudar o outro associado a interesses por assuntos psicológicos (a mente humana, gênese da psiquê) e seu desenvolvimento. A ajuda ao outro, assim como no presente trabalho, implica mudança de visão de mundo e melhoria das relações com os outros e com a sociedade em geral.

Cabe observar a roupagem onipotente com que se veste a Psicologia e, conseqüentemente, aqueles que trabalham com ela. Ciência capaz de mudar,

melhorar, resolver a vida e as relações estabelecidas. Quanto poder!!! Não é por acaso que o profissional da área (e o estudante também) tem o estereótipo comum e antigo de “adivinhar o que os outros pensam”, “tem bola de cristal” etc.

Bock, A. B. M., em estudo realizado entre 1992 e 1999, tendo como amostra psicólogos registrados no Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, já mostrou como “os psicólogos evidenciam, em seus discursos, principalmente quando relatam seus trabalhos, uma noção onipotente da profissão e de si próprios como profissionais, acreditando que têm nas mãos a possibilidade de fazer do outro um homem feliz, de colocá-lo em movimento”. Esse discurso, porém, é acompanhado da idéia de que “...mas o psicólogo não muda o homem, apenas contribui para que ele próprio se modifique”. A autora alerta-nos para o fato de que, aí, “a onipotência se traveste de humildade” (2000, p.23).

É importante observar, neste ponto, a relação existente entre os universos reificados, representados aqui pela Psicologia, e os consensuais, isto é, a forma de apropriação das idéias e pensamentos ligados à Psicologia.

Na subcategoria *estudo da relação do homem com o social*, evidencia-se o percentual de 6,9%, onde encontramos idéias como: “é a ciência que estuda a relação do homem com a sociedade”, “é a ciência que integra o homem ao social”, “ procura adaptar o homem e melhorar suas relações com as outras pessoas”. Cabe salientar, nessas respostas, a presença de uma noção dicotômica das relações do homem com a sociedade. O homem parece ser pensado como uma imanência independente do social e do cultural. Ao ignorar que a sociedade diz respeito a uma rede de significados simbólicos produzidos e reproduzidos pela atividade humana, que, ao produzir sua cultura e sua história, o homem produz a si mesmo, só resta mesmo pensá-lo como objeto a ser ajustado e adaptado a uma realidade social, vista como uma espécie de engrenagem, à parte de questões relativas à subjetividade.



Tabela 1: “caracterização da Psicologia”

		Estudo do comportamento	estudo do fenômeno psicológico	estudo relação homem/social	estudo do ser humano	função assistencialista	promover saúde	outros	branco
Enfermagem 7º p.	(23)	6	10	2	1	2	0	0	0
Enfermagem 6º p.	(19)	2	9	0	5	2	2	1	0
Medicina 10º p.	(27)	0	11	6	0	2	0	0	0
Biologia 5º p.	(7)	5	4	1	0	1	0	0	0
Nutrição 5º p.	(16)	4	6	1	0	0	0	0	
Nutrição 6º p.	(17)	7	4	2	0	2	0	0	2
Odontologia 6º p.	(22)	12	9	2	0	1	0	0	5
Odontologia 5º p.	(16)	6	13	1	2	3	0	1	0
Educação física 6º p.	(22)	16	7	0	1	2	0	1	2
Educação física 4º p.	(22)	8	9	0	4	3	0	1	0
Fisioterapia 6º p. n.	(32)	9	14	4	2	4	1	0	2
Fisioterapia 6º p. m.	(38)	17	20	4	1	2	0	0	0
Fisioterapia 4º p. m.	(29)	7	16	0	3	2	0	0	0
Fisioterapia 5º p. n.	(35)	16	13	0	2	1	0	0	2
Total	(325)	115	145	23	21	27	3	4	13
	%	35,4	44,6	7,1	6,5	8,3	0,9	1,2	4,0
Psicologia 7º p. n.	(12)	3	4	2	1	2	0	0	0
Psicologia 7º p.m.	(10)	4	4	0	0	1	0	0	0
Psicologia 8º p. n.	(16)	12	10	1	1	0	2	0	0
Psicologia 8º p. m.	(12)	0	7	0	1	0	0	1	0
Total	(50)	19	25	3	3	3	2	1	0
	%	38,0	50,0	6,0	6,0	6,0	4,0	2,0	0
Total	(375)	134	170	26	24	30	5	5	13
	%	35,7	45,3	6,9	6,4	8,0	1,3	1,3	3,5

Na categoria “objeto de estudo”, fica evidenciado um alto índice percentual na subcategoria *comportamento* (49,6%), tanto nos estudantes de Psicologia (44%), como nos estudantes dos outros cursos (50,4%). Repete-se, aqui, como na primeira categoria, uma representação individualizante e adaptativa da Psicologia, como já mostrado, de certa forma, por diversos autores (Carvalho, A. M. A., 1988; Magalhães, M. e Keller, M. S. M., 2001; Bock, A. B. M., 2000; Figueiredo, L. C. e Santi, P. L. R., 1997 e Moura, E. P. G., 1999).

Sobressai, nesse quadro, a diferença nas subcategorias *mente* e *subjetividade* entre os estudantes de Psicologia e os outros. Enquanto, para os primeiros, encontramos um percentual de 16% para *mente* e 24% para *subjetividade*, para os segundos, constata-se um percentual de 27,4% para *mente* e apenas 2,5% para *subjetividade*. Verifica-se, também, um dado um pouco surpreendente. A subcategoria *consciência* apresenta um percentual de 0% nas respostas dos alunos de Psicologia; já na subcategoria *inconsciente*, o percentual é de 10% das respostas. Em relação aos alunos dos outros cursos, há um certo equilíbrio percentual entre essas duas subcategorias.

A não-consideração, pelos alunos de Psicologia, da *consciência* como objeto de estudo e a alta incidência de respostas na subcategoria *comportamento* parece apontar para representações acerca de seu objeto de estudo sustentadas, principalmente, por referências teóricas da Psicanálise e do Comportamentalismo. Esse dado vai de encontro ao trabalho de Bastos e Gomide (1989) com uma amostra de 2448 psicólogos de diferentes regiões do País. Os autores mostram, quanto à orientação teórico-metodológica de psicólogos, um predomínio da Psicanálise (como esperavam) e, em segundo lugar, da Análise do Comportamento.

Tabela 2: “objeto de estudo”

		mente	Alma	Compor- tamento	Incon- siente	sub-cons- ciência	cons- ciência	subjeti- vidade	TOTAL
Enfermagem	7º p.	7		11	3		2		23
Enfermagem	6º p.	2	1	9	2	2	3		19
Medicina	10º p.	4	3	14	2		1	3	27
Biologia	5º p.	3	1	2			1		7
Nutrição	5º p.	5	2	5		1	1	2	16
Nutrição	6º p.	4	1	10		1	1		17
Odontologia	6º p.	5		13	1	1	1	1	22
Odontologia	5º p.	4		6	1	3		2	16
Educação física	6º p.	11		10		1			22
Educação física	4º p.	3	1	15	1	1	1		22
Fisioterapia	6º p. n.	7		21	1	2	1		32
Fisioterapia	6º p. m.	10	2	21	1	2	2		38
Fisioterapia	4º p. m.	13		10	1	2	3		29
Fisioterapia	5º p. n.	11	1	17		3	3		35
Total		89	12	164	13	19	20	8	325
%		27,4%	3,7%	50,4%	4,0%	5,8%	6,2%	2,5%	100%
Psicologia	7º p. n.	1		7				4	12
Psicologia	7º p.m.	2	1	6				1	10
Psicologia	8º p. n.	2		6	5			3	16
Psicologia	8º p. m.	3	2	3				4	12
Total		8	3	22	5			12	50
%		16,0%	6,0%	44,0%	10,0%	0%	0%	24,0%	100%
Total		97	15	186	18	19	20	20	375

A categoria “local de trabalho” é importante, na medida em que propicia uma reflexão sobre o compromisso do profissional de Psicologia com a sociedade em que vive e trabalha. A questão que se coloca é: os serviços psicológicos continuam associados às demandas de uma elite ou há alguma mudança nesse sentido? Observando a tabela 3, encontra-se um elevado índice de respostas, principalmente nas subcategorias: *hospital* (93,1%), *escola* (91,2%), *clínica* (88,5%) e *presídio* (84,8%), ficando, porém, evidenciado um alto índice percentual na maioria das outras subcategorias, o que revela certo equilíbrio percentual. Exceção a isso pode ser observada nos itens *condomínio* (17,1%), *sindicatos* (29,1%), *igrejas* (27,5%) e *centro espírita* (17,1%).

Esses dados parecem indicar uma representação mais diversificada do trabalho do psicólogo, ou seja, um reconhecimento maior da contribuição que o psicólogo pode oferecer em diversos espaços sociais, assim como um reconhecimento da interdisciplinaridade presente em sua prática, pois sabe-se que, em estabelecimentos como hospitais e escolas, por exemplo, a idéia de um trabalho interdisciplinar é bastante presente, principalmente considerando nossa amostra.

Outro dado que deve ser ressaltado, embora apresentando um pequeno índice percentual, é a incidência de respostas que aparecem nas subcategorias *igreja* e *centro espírita*. Não causa estranheza o percentual maior nas respostas dos estudantes de Psicologia (54% e 38% respectivamente), já que estão mais atentos ao que acontece na área, mas o que mais importa, no entanto, é a questão de uma representação da Psicologia vinculada a crenças religiosas, a inserção de determinadas práticas por profissionais da área que podem ser seriamente questionadas, tanto em seus aspectos teórico-metodológicos, como em seus aspectos éticos.

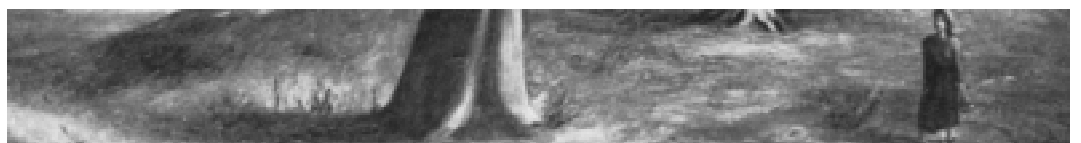


Tabela 3. “local de trabalho”

	condo- mínio	Com. Caren- te	sindi- catos	espor- te	clíni- ca	esco- La	hospi- tal	com- sultó- rio	pre- síd- io	Igre- Ja	cen- tro	em- pre- sa
Enfermagem 7º p.	3	14	7	12	21	19	23	17	16	5	4	18
Enfermagem 6º p.	2	13	6	11	17	19	19	14	14	8	3	18
Medicina 10º p.	3	20	10	13	25	26	26	18	25	8	6	24
Biologia 5º p.	2	7	3	6	6	7	7	6	7	4	4	6
Nutrição 5º p.	2	9	4	10	11	11	11	11	10	4	5	11
Nutrição 6º p.	1	10	2	9	14	14	15	15	14	2	1	12
Odontologia 6º p.	2	15	3	17	17	19	21	19	19	6	2	18
Odontologia 5º p.	4	13	7	14	14	16	16	14	15	7	4	14
Educação física 6º p	4	15	5	21	21	20	21	20	17	5	4	18
Educação física 4º p	4	13	4	18	18	19	16	18	18	4	2	20
Fisioterapia 6º p. n.	2	24	10	26	31	29	30	27	28	9	5	29
Fisioterapia 6º p. m.	3	21	6	28	30	29	30	25	29	7	1	27
Fisioterapia 4º p. m.	0	24	6	17	29	29	29	26	26	2	0	22
Fisioterapia 5º p. n.	3	28	7	23	28	35	35	31	31	5	4	30
Total	35	226	80	225	282	292	299	261	269	76	45	267
%	10,8	69,5	24,6	69,2	86,8	89,8	92,0	80,3	82,8	23,4	13,9	82,2
Psicologia 7º p. n.	8	12	10	12	12	12	12	12	12	8	5	12
Psicologia 7º p.m.	5	10	5	10	10	10	10	10	10	5	2	10
Psicologia 8º p. n.	8	16	9	16	16	16	16	16	16	10	9	16
Psicologia 8º p. m.	8	11	5	12	12	12	12	11	11	4	3	12
Total	29	49	29	50	50	50	50	49	49	27	19	50
%	58,0	98,0	58,0	100	100	100	100	98,0	98,0	54,0	38,0	100
Total	64	275	109	275	332	342	349	310	318	103	64	317
%	17,1	73,3	29,1	73,3	88,5	91,2	93,1	82,7	84,8	27,5	17,1	84,5

A categoria “objetivo profissional”, revela alguns dados curiosos. O maior índice percentual encontra-se na subcategoria *melhorar a qualidade de vida* (44,2%). Consta-se, também, nessa tabela, que, para os estudantes dos outros cursos, o item *ajudar as pessoas* (24,3%) aparece em segundo lugar; já para os estudantes de Psicologia, aparece *promoção de saúde* (34%). Pode-se inferir, porém, que essa representação estaria muito mais associada à idéia de melhoria de qualidade de vida no sentido de *assistencialismo*, como surge na primeira categoria (caracterização da Psicologia), naquela visão individualizante do outro, do que à qualidade de vida das pessoas num sentido de conscientização, de cidadania, mais voltada para a coletividade, para trocas intersubjetivas. Essa suposição também encontra apoio se levarmos em conta a categoria “objeto de estudo”, pois cabe aqui a pergunta: O psicólogo melhora a qualidade de vida a partir do trabalho que incide sobre o comportamento?



Tabela 4: “objetivo profissional”

	doença nervos	Ajudar pessoas	prom. Saúde	Qualidade de vida	curar comp.	mudar	integrar	TOTAL
Enfermagem 7º p.		6	3	9		2	3	23
Enfermagem 6º p.		3	4	11		1		19
Medicina 10º p.		3	2	16	1	1	4	27
Biologia 5º p.		1		4			2	7
Nutrição 5º p.		1	6	5		2	2	16
Nutrição 6º p.		4	3	2	2	1	5	17
Odontologia 6º p.		12	1	7		1	1	22
Odontologia 5º p.		6		8		1	1	16
Educação física 6º p.		5		7	2	7	1	22
Educação física 4º p.		6		8		2	6	22
Fisioterapia 6º p. n.	1	8	2	15		2	4	32
Fisioterapia 6º p. m.		9	3	16	3	2	5	38
Fisioterapia 4º p. m.		5		14	1	3	6	29
Fisioterapia 5º p. n.		10	2	15		1	7	35
Total	1	79	26	137	9	26	47	325
%	0,3%	24,3%	8,0%	42,1%	2,8%	8,0%	14,5%	100%
Psicologia 7º p. n.		1	6	4		1		12
Psicologia 7º p.m.		2		8				10
Psicologia 8º p. n.			5	11				16
Psicologia 8º p. m.			6	6				12
Total		3	17	29		1		50
%	0%	6,0%	34,0%	58,0%	0%	2,0%	0%	100%
Total	1	82	43	166	9	27	47	375
%	0,3%	21,9%	11,5%	44,2%	2,4%	7,2%	12,5%	100%

A tabela 5, referente à categoria “instrumento do psicólogo”, revela altos índices percentuais em instrumentos reconhecidos como psicológicos: *ouvir* (89,3%), *entrevistas* (87,2%), *testes* (87,2%) e *dinâmica de grupo* (84,5%).

Um dado que, cabe ressaltar, embora apresente um índice percentual relativamente pequeno, é a representação da subcategoria *terapia de vidas passadas* (33,3%) como instrumento do psicólogo, o que mostra um certo desconhecimento e certa confusão do que seja uma intervenção psicológica.

Um dado que, cabe ressaltar, embora apresente um índice percentual relativamente pequeno, é a representação da subcategoria terapia de vidas passadas (33,3%) como instrumento do psicólogo, o que mostra um certo desconhecimento e certa confusão do que seja uma intervenção psicológica.



Tabela 5: “instrumentos do psicólogo”

		medi- cação	entre- vistas	dinâ- mica	cris- tais	brinq.	testes	mapa astral	Florais	ouvir	Terapia VP
Enfermagem	7º p.	2	22	22		11	19		2	24	11
Enfermagem	6º p.		17	17	3	6	14	1	3	15	5
Medicina	10º p.	3	27	27	3	13	27	1	5	21	12
Biologia	5º p.	3	7	6		6	6			7	3
Nutrição	5º p.	1	11	11	1	6	11	1	1	11	4
Nutrição	6º p.	2	10	11		3	13			13	4
Odontologia	6º p.	15	19	19	1	7	15	1	2	20	7
Odontologia	5º p.	1	16	14	4	8	14	1	3	14	10
Educação física	6º p.	6	18	17	4	6	18	2	4	20	8
Educação física	4º p.	7	18	14	2	11	20			21	7
Fisioterapia	6º p. n.	4	27	30	2	15	28	1	3	29	11
Fisioterapia	6º p. m.	2	32	21	4	12	35	1	3	31	15
Fisioterapia	4º p. m.	1	26	25		11	25	1	2	28	10
Fisioterapia	5º p. n.	3	27	33		10	33	2		32	14
Total		65	277	267	24	125	278	12	28	286	121
%		20,0	85,2	82,2	7,4	38,5	85,5	3,7	8,6	88,0	37,2
Psicologia	7º p. n.		12	12			9	11		12	1
Psicologia	7º p.m.		10	10	1	11	10	1		10	1
Psicologia	8º p. n.		16	16			16	16		15	1
Psicologia	8º p. m.		12	12			12	12		12	1
Total			50	50		1	48	49		1	49
%		0	100	100		2,0	96,0	98,0	0		2,0
8,0											
Total		65	327	317	25	173	327	12	29	335	125
%		17,3	87,2	84,5	6,7	46,1	87,2	3,2	7,7	89,3	33,3

Na categoria “características do psicólogo”, o profissional de Psicologia é representado principalmente como *observador* (85,6%), *equilibrado* (46,9%) e *confiável* (43,2%). Importa salientar o pequeno índice percentual na subcategoria *cientista* (18,2%) para os estudantes dos outros cursos. Esse fato parece implicar um não-reconhecimento do psicólogo como um cientista, o que vai de encontro a alguns resultados da categoria instrumentos do psicólogo, onde, como visto, aparecem instrumentos utilizados nas chamadas “práticas alternativas” ou “terapias de auto-ajuda”. A consideração desses dados pode refletir uma questão fundamental em relação à representação que se tem da profissão no que diz respeito às práticas referidas acima.

Figueiredo já mostrou a tendência, que cresce significativamente, aumentando seu mercado, das terapias de “auto-ajuda” e que são associadas à Psicologia. Como diz o autor, “... numa mistura de concepções do senso comum ou baseadas em teorias psicológicas, em pressupostos humanistas sobre a liberdade do homem e num estilo de administração empresarial, nitidamente comportamentalista...”(1997, p.87).

Também Rolnik chama atenção para as “drogas” oferecidas no mercado em tempos de globalização: “...há ainda a droga oferecida pela literatura de “auto-ajuda”...essa categoria inclui a literatura esotérica, o boom evangélico e as terapias que prometem eliminar o desassossego, entre as quais a neurolinguística, programação behaviorista de última geração”(2000, p.2).

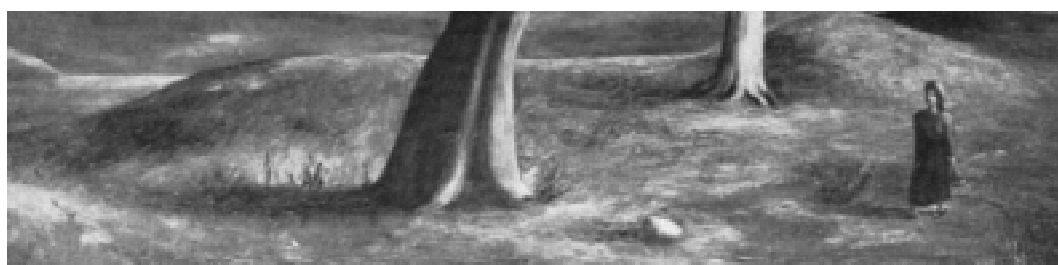


Tabela 6: “características do psicólogo”

		cientista	observador	manipulador	honesto	maluco	charlatão	confiável	culto	equilibrado	Proble-Mático
Enfermagem	7º p.	4	22		7	3		14	8	7	2
Enfermagem	6º p.	2	17	2	1			8	3	5	
Medicina	10º p.	2	26	6	5	1		1	5	14	2
Biologia	5º p.	4	4	1	1			1	1	4	
Nutrição	5º p.	4	10					3	3	4	
Nutrição	6º p.	3	13		4		1	5	4	6	
Odontologia	6º p.	1	19	4	5	3		11	2	11	3
Odontologia	5º p.	6	15	4				9	3	7	1
Educação física	6º p.	2	19	2	5	1		8	6	18	1
Educação física	4º p.	4	18	3	7	1		9	6	9	2
Fisioterapia	6º p. n.	6	28	1	5	4		14	8	13	
Fisioterapia	6º p. m.	3	29	4	11	5	1	16	7	19	2
Fisioterapia	4º p. m.	7	25	4	7	2		12	4	12	4
Fisioterapia	5º p. n.	11	30	3	10	1		13	8	15	1
Total		59	275	30	72	21	2	124	68	144	18
%		18,2	84,6	9,2	22,2	6,5	0,6	38,1	20,9	44,3	5,5
Psicologia	7º p. n.	7	11		6			10	5	8	
Psicologia	7º p. m.	5	9	5			6	7	5		
Psicologia	8º p. n.	9	14	1	9			12	6	13	1
Psicologia	8º p. m.	9	12	8			1	10	10	6	
Total		30	46	1	30		1	38	28	32	1
%		60,0	92,0	2,0	60,0	2,0	76,0	56,0	64,0	2,0	
Total		89	321	31	102	21	3	162	96	176	19
%		23,7	85,6	8,3	27,2	5,6	0,8	43,2	25,6	46,9	5,1



Quanto à categoria “credibilidade do trabalho do psicólogo”, encontra-se uma representação altamente positiva (87,2%), tanto nos estudantes de Psicologia (92%) como nos estudantes dos outros cursos (86,4%).

Tabela 7: “credibilidade no trabalho do psicólogo”

		SIM	NÃO	TALVEZ	BRANCO	TOTAL
Enfermagem	7º p.	21	-	2		23
Enfermagem	6º p.	15	-	4		19
Medicina	10º p.	22	-	4	1	27
Biologia	5º p.	6	1	-	-	7
Nutrição	5º p.	16	-	-	-	16
Nutrição	6º p.	16	-	1	-	17
Odontologia	6º p.	18	1	2	1	22
Odontologia	5º p.	12	2	2	-	16
Educação física	6º p.	17	2	1	2	22
Educação física	4º p.	16	-	6	-	22
Fisioterapia	6º p. n.	30	-	2	-	32
Fisioterapia	6º p. m.	35	-	3	-	38
Fisioterapia	4º p. m.	28	-	1	-	29
Fisioterapia	5º p. n.	29	1	2	3	35
Total		281	7	30	7	325
%		86,4 %	2,2 %	9,2%	2,2%	100%
Psicologia	7º p. n.	12	-	-	-	12
Psicologia	7º p.m.	7	-	3	-	10
Psicologia	8º p. n.	15	1	-	-	16
Psicologia	8º p. m.	12	-	-	-	12
Total		46	1	3	-	50
%		92,0%	2,0%	6,0%	0%	100%
Total		327	8	33	7	375
%		87,2%	2,1%	8,8%	1,9%	100%

Constata-se, também, um elevado índice percentual na “busca de serviços psicológicos” (74,9%), havendo, porém, maior incidência de respostas positivas dos estudantes de Psicologia, o que era de se esperar. Sobressai, aqui, o pequeno percentual (6%) de estudantes de Psicologia que não buscariam serviços psicológicos se sentissem necessidade.



Tabela 8 : “busca de serviços psicológicos”

		SIM	NÃO	TALVEZ	BRANCO	TOTAL
Enfermagem	7º p.	20	3	-	-	23
Enfermagem	6º p.	16	3	-	-	19
Medicina	10º p.	20	6	-	1	27
Biologia	5º p.	5	2	-	-	7
Nutrição	5º p.	13	2	-	1	16
Nutrição	6º p.	13	4	-	-	17
Odontologia	6º p.	13	8	-	1	22
Odontologia	5º p.	10	5	1	-	16
Educação física	6º p.	14	8	-	-	22
Educação física	4º p.	12	9	1	-	22
Fisioterapia	6º p. n.	26	5	-	1	32
Fisioterapia	6º p. m.	25	13	-	-	38
Fisioterapia	4º p. m.	19	9	-	1	29
Fisioterapia	5º p. n.	28	3	-	4	35
Total		234	80	2	9	325
%		72,0 %	24,6 %	0,6%	2,8%	100%
Psicologia	7º p. n.	11	1	-	-	12
Psicologia	7º p. m.	9	1	-	-	10
Psicologia	8º p. n.	15	1	-	-	16
Psicologia	8º p. m.	12	-	-	-	12
Total		47	3	-	-	50
%		94,0%	6,0%	0%	0%	100%
Total		281	83	2	9	375
%		74,9%	22,2%	0,5%	2,4%	100%

A última categoria analisada, “imagem da Psicologia e do psicólogo” apresenta alguns dados curiosos. Inicialmente, surge a representação da Psicologia como *saúde*, com uma incidência de respostas bem maior nos estudantes de Psicologia (96%) do que nos de outros cursos (56,9%). Pode-se atribuir esse fato, em parte, à própria formação dos estudantes de Psicologia no curso de graduação. A subcategoria *de médico, psicólogo e louco todo mundo tem um pouco* mostra um índice percentual de 37,9% para os estudantes de outros cursos e, para os de Psicologia, 14%. Considerando que, nessa subcategoria, está presente a representação de que o psicólogo é maluco, vista a equiparação entre psicólogo e louco, surge uma contradição em relação aos dados encontrados na categoria “características do psicólogo”. Cabe lembrar que, lá, o profissional de Psicologia é visto como observador, equilibrado e confiável.

Outro dado que, embora com baixa incidência de respostas, vale ressaltar, é a subcategoria *tenho amigos*, com percentual de 12,93% para estudantes de outros cursos, o que parece implicar uma representação do psicólogo como amigo. Surpreende, nessa tabela, o índice percentual de 18% na subcategoria *quem faz psicoterapia não tem o que fazer*, para estudantes da área. Significa uma não-credibilidade na profissão que almejam? Uma representação da Psicologia como um saber-fazer que nada serve?



Tabela 9: “imagem da Psicologia e do psicólogo”

		tenho amigo	psi é maluco	de médico e louco	psicólogo é saúde	só rico é para mulher	é super-fluo	não tem q. fazer	
Enfermagem	7º p.	2	4	18	2			1	
Enfermagem	6º p.	1	4	4	9	2	1		
Medicina	10º p.	4		12	9	10	1	1	
Biologia	5º p.			3	5	1	1		
Nutrição	5º p.			2	10	1			
Nutrição	6º p.	1		7	8	1			
Odontologia	6º p.	2	1	6	13				
Odontologia	5º p.	2		3	9	3			
Educação física	6º p.	3	1	10	10	3	3	2	
Educação física	4º p.	9	1	13	6	5	1	1	
Fisioterapia	6º p.n.	3	2	17	17	1	1	1	
Fisioterapia	6º p.m.	5		14	27	2			
Fisioterapia	4º p.m.	5	3	14	19	1	2	1	
Fisioterapia	5º p.n.	3	1	14	25	4	1		
Total		40	13	123	185	36	9	7	
%		12,3%	4,0%	37,9%	56,9%	11,1 %	0,9%	2,8	2,2%
Psicologia	7º p. n.			1	11	1		8	
Psicologia	7º p.m.				10				
Psicologia	8º p. n.		3	16				1	
Psicologia	8º p. m.		3	11				Total	
			7	48	1			9	
%		0%	0%	14,0%	96,0%	2,0%	0%	18,0%	
Total		40	13	130	223	37	3	16	
%		10,7%	3,5%	34,7%	59,5%	9,9%	0,8%	4,3%	

Conclusão

Visto que as representações sociais refletem a cultura e a sociedade na qual o sujeito está inserido, cabe, aqui, colocar em questão a própria Psicologia, já que ela é um dos objetos de nossa cultura. Nesse sentido, consideramos principalmente três aspectos importantes para reflexão: uma perspectiva liberal da Psicologia enquanto cultura, a formação do psicólogo e a responsabilidade ética e social do psicólogo.

Considerando que as explicações dadas a determinado objeto social possuem lógica própria, baseadas em informações e julgamentos valorativos, pode-se afirmar, concordando com Figueiredo, que, “ao serem incorporadas à vida cotidiana de algumas camadas da população, “as psicologias” convertem-se, quase sempre, numa visão de mundo altamente subjetivista e individualista” (1997, p.87), visto encontrar-se essa visão na própria emergência da Psicologia como ciência.

Ao que parece, tal perspectiva encontra-se neste estudo. Essa representação da Psicologia vincula-se, historicamente, ao pensamento liberal, onde o homem é pensado como ser livre e autônomo, e as experiências subjetivas são vistas de forma

individualizante, excluindo as condições sociais, históricas e culturais presentes nessas experiências.

Surge, então, nesse cenário, um terreno fértil para uma psicologização da vida cotidiana e um pensamento acrítico em relação ao contexto histórico-social. Parece que o psicólogo é representado como um profissional que nada tem a ver com a dimensão sociohistórica da sociedade em que vive e trabalha.



“...ao serem incorporadas à vida cotidiana de algumas camadas da população, “as psicologias” convertem-se, quase sempre, numa visão de mundo altamente subjetivista e individualista”.

Figueiredo

Dessa forma, constata-se que inexistente uma reflexão sobre a responsabilidade ética do psicólogo no seu trabalho, sobre a sua função social (sim, pois não cabe mais a negação ou rejeição da idéia de que, como ser sociohistórico, qualquer atividade do homem é uma atividade política).

Admitindo que o fazer psicológico é efeito, em grande parte, da formação que o profissional recebe, pergunta-se: durante sua formação, é dado ao futuro psicólogo oportunidades de se perguntar sobre a vertente política de sua profissão e sobre seu lugar ético?

Aqui, torna-se fundamental pensar que, à medida que a Psicologia e os psicólogos são ainda representados como agentes de adequação e integração social, não há espaço para a ética, pois, dessa forma, o sujeito torna-se objeto. Cabe ao psicólogo (e também aos estudantes) interrogar-se constantemente sobre seu saber-fazer de forma crítica. Agente de transformação ou agente de adequação?



**Kátia Botelho Diamico Praça &
Heliane Guimarães Vieites Novaes**
Universidade Gama Filho – Rua Conde de Bonfim, 838/
1404 – Tijuca- Rio de Janeiro. Cep 20530-002.
E-mail: helianegvn@ig.com.br.

Recebido 03/10/02 Aprovado 08/08/04

BASTOS, A. V. B. *Áreas de Atuação: em Questão o Nosso Modelo Profissional. Quem é o Psicólogo Brasileiro.* São Paulo: Edicon, 1988.

BASTOS, A. V. B. e GOMIDE, A. I. C. O Psicólogo Brasileiro: sua Atuação e Formação Profissional. *Psicologia: Ciência e Profissão.* Brasília, v. 9 n. 2, 1989, pp.6-15.

BARDIN, L. *Análise de Conteúdo* Lisboa: Edições 70, 1977.

BOCK, A. B. M. *As Influências do Barão de Munchhausen na Psicologia da Educação. Psicologia e Educação- Desafios Teórico-práticos.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

BOCK, A. B. M. A Formação do Psicólogo: um Debate a Partir do Significado do Fenômeno Psicológico. *Psicologia: Ciência e Profissão.* Brasília, v. 17, n. 2, 1997, pp.37-42.

BRANCO, M. T. C. Que Profissional Queremos Formar? *Psicologia: Ciência e Profissão.* Brasília, v. 18, n. 3, 1999, pp.28-35.

CARVALHO, A. M. A. Atuação Psicológica: uma Análise das Atividades Desempenhadas Pelos Psicólogos. In Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o Psicólogo Brasileiro.* São Paulo: Edicon, 1988, pp.217-235.

CONTINI, M. L. J. Discutindo o Conceito de Promoção de Saúde no Trabalho do Psicólogo que Atua na Educação. *Psicologia: Ciência e Profissão.* Brasília, v. 20, n. 2, 2000, pp.46-58.

FIGUEIREDO, L. C. e SANTI, P. L. R. *Psicologia uma (Nova) Introdução.* São Paulo: Educ, 1997.

JOVCHELOVITCH, S. e GUARESCHI, P. *Textos em Representações Sociais.* Petrópolis: Vozes, 1994.

LEME, M. A. S., BUSSA, V. S. R. e OTTA, E. A. A Representação Social da Psicologia e do Psicólogo. *Psicologia: Ciência e Profissão.* Brasília, v. 9, n. 1, 1989, p

MAGALHÃES, M.; STRALIOTTO, M.; KELLER, M. S. M. e GOMES, W. B. Eu Quero Ajudar as Pessoas: A Escolha Vocacional em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão.* Brasília, v.21, n.º2, 2001, pp.10-27.

MELLO, S. L. *Psicologia e Profissão em São Paulo.* São Paulo: Ática, 1975.

MOSCOVICI, S. *La Psicanalyse, son Image et son Public.* Paris: Presse Universitaire de France, 1961.

_____. *A Representação Social da Psicanálise.* Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. The Phenomenon of Social Representations. In Farr, R. M. e Moscovici, S. (orgs). *Social Representations.* Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MOURA, E. P. G. A Psicologia (e os Psicólogos) que Temos e a Psicologia que Queremos: Reflexões a Partir das Propostas de Diretrizes Curriculares (MEC/SESU) para os Cursos de Graduação em Psicologia. *Psicologia: Ciência e Profissão.* v. 19, n. 2, 1999, pp.10-19.

PASQUALI, L. Condições de Trabalho do Psicólogo. In Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o Psicólogo Brasileiro.* São Paulo: Edicon, 1988, pp.149-162.

ROLNIK, S. Toxicômanos de Identidade. In Daniel L. (org). *Cultura e Subjetividade.* São Paulo: Papirus, 2000.

ROSAS, P., ROSAS, A. e XAVIER, I. P. Quantos e quem Somos. In Conselho Federal de Psicologia. *Quem é o Psicólogo Brasileiro.* São Paulo: Edicon, 1988, pp.32-88.

SÁ, C. P. *A Construção do Objeto de Pesquisa em Representações Sociais.* Rio de Janeiro: UERJ, 1998.